



“EU SOU UM PATRIOTA DA COMUNIDADE”

Dono de um espírito empreendedor, um discurso cativante e um simpático sorriso, com uma vincada visão humanista e uma humildade ímpar, André Jordan tem o seu nome ligado ao Algarve e ao turismo de excelência. Criou a Quinta do Lago, Vilamoura XXI, o Belas Clube de Campo em Sintra e nunca parou de sonhar, desenvolvendo um império imobiliário único na Europa.

Nos anos 70, quando veio para Portugal, qual foi o potencial que viu no nosso país para querer investir?

A minha família tem uma história muito antiga com Portugal. Quando saímos da Polónia, na altura da invasão da Polónia pela Alemanha nazi, fomos para o Estoril e foi daí que partimos para o Brasil. Entre janeiro e maio de 1940 estivemos em Portugal. O meu pai, sendo um homem muito ativo, fez muitas amizades com portugueses e criou uma grande ligação também com os portugueses emigrados no Brasil. Numa altura em que existiu uma grande turbulência no Brasil, o meu pai começou a investir na Europa, incluindo em Portugal. Em 1967, depois da morte do meu pai, vim para cá e apaixonei-me pelo país, mas naquela altura não fiquei porque vendi as empresas e comecei a trabalhar com uma empresa norte-americana. No período em que o meu pai esteve em Portugal teve uma grande ligação com o Dr. Salazar. Quando o meu pai morreu, o Dr. Salazar escreveu-me uma carta e, mais tarde, tive a oportunidade de ser recebido por ele, para agradecer esse gesto. Quando vivia em Paris e representava um grupo americano, vi um anúncio do concurso do casino de Vilamoura. Por indicação de um amigo, que me dizia que Portugal estava em crescimento, vim para Portugal definitivamente. Tinha a ideia de criar um empreendimento inspirado nos country clubs americanos e nos resorts que existiam no Uruguai. Foi assim que começou esta saga.

Passado todos esses anos, continua a acreditar que Portugal tem potencial turístico para ser um destino de excelência?

Portugal tem muito mais do que tinha e é um país muito mais conhecido. Quando eu

vim para cá, era um país desconhecido, sem investidores, e o Algarve também. Quando comecei a procurar investidores e falava no Algarve, todos olhavam para mim com um ar desconfiado. Hoje, Portugal está melhor posicionado, mas, atualmente estamos num ciclo curioso. Apesar de o turismo aumentar, este não é o tipo de turismo que potencia o desenvolvimento económico na área do turismo e do imobiliário. O sector imobiliário tem sido impulsionado, mas pode ser muito mais. Recentemente Lisboa e Porto têm tido uma explosão de turistas, mas, do ponto de vista financeiro, os recordes recentes não são positivos, porque aumenta o número de turistas e baixa a receita per capita. Para reverter esta tendência é importante existir uma maior integração entre o sector público e privado. Portugal pode crescer em muitas áreas, como novas tecnologias e energia renovável. Mas estas são áreas que geram pouco emprego e não são extremamente lucrativas. A área do turismo e imobiliário permite ter recursos que financiam a economia.

O que pensa quando olha para a obra que fez em Portugal?

Além de ter um natural sentimento de orgulho e afeto, porque as obras são amores, fico um pouco espantado e às vezes questiono: "será que fui eu que fiz isso?". Quando hoje visito a Quinta do Lago vejo a movimentação e a vida que tem, 44 anos depois de ter sido inaugurada. É uma obra muito mais importante e viva do que quando começou.

É aquilo que imaginava hoje em dia?

Nunca é, porque as coisas mudam e as pessoas também mudam. O importante nos empreendimentos, como o Belas Club de

Campo ou o Vilamoura XXI, é que o plano de urbanização tenha qualidade e rigor para não ser deturpado. Acho que isso conseguimos concretizar, mas os projetos mudam ao longo do tempo. Começamos com casas que tinham 200 a 300 metros quadrados, sem ar condicionado e muitas vezes sem aquecimento. Pela mudança geracional, também há dinâmicas que se alteram. Tenho a certeza que, quando fizemos o Vilamoura XXI, as pessoas que construíram o Vilamoura original pensaram: "não é isto que tínhamos imaginado".

O que sente quando o apelidam de “pai do turismo português”?

Sinto-me velho [risos]. Quando vou ao Algarve sou muito bem tratado e assumo que mereço, porque procurei fazer o bem em todos os sentidos. Escolhi ser enterrado no Algarve, quero ficar no cemitério de São Lourenço, que é próximo de uma das igrejas mais bonitas de Portugal, no local onde vivi metade da minha vida, em Almancil. As pessoas ainda se lembram de mim e dizem-me que os pais e os avós trabalharam comigo. Isso é um orgulho.

“ Quando vou ao Algarve sou muito bem tratado e assumo que mereço, porque procurei fazer o bem em todos os sentidos ”

Quais são as qualidades que considera ter que o fizeram ser um empresário de sucesso?

Tenho que dizer que também tive fracassos, também tive problemas e cometi erros como toda a gente. Aliás, existe uma teoria no mundo dos negócios que diz que as pessoas que não tiveram fracassos não são confiáveis porque não aprenderam o lado



mau das coisas. Felizmente, em Portugal nunca tive. Quando regresssei ao Brasil após a revolução em Portugal, cometi erros, quer na escolha do local, como dos parceiros e até funcionários. A minha ansiedade foi uma má conselheira. Ser rico é melhor do que ser pobre e ter sucesso é melhor do que não ter porque a linha entre as coisas poderem correr bem e as coisas correrem mal é muito ténue e pode-se cair de um momento para o outro.

O que contribuiu para o seu sucesso?

Eu acho que a persistência é um fator fundamental, apesar de cada pessoa ter a sua fórmula e a sua maneira de agir. Tenho a felicidade de ser amigo de pessoas que conheci há muitos anos, como o Francisco Balsemão, o Soares dos Santos, o Américo Amorim, Ilídio Pinho e o Jorge Jardim Gonçalves, cujo apoio como Presidente do Millennium BCP viabilizou o sucesso dos nossos empreendimentos. Acho que

se olharmos para a carreira deles, a persistência é o fator principal, mas também o know-how e o facto de serem sérios. Acho que temos sempre de pensar que temos de repartir o sucesso com os colaboradores e clientes. Por isso, procuro sempre que os meus clientes tenham lucro no seu investimento.

Considera que as suas origens têm influência na pessoa que se tornou?

Na minha família direta há 14 nacionalidades e muitos dos meus parentes são como eu, tiveram de sair do local onde estavam, como aconteceu com a minha família em 1939. Eu acho que a experiência de vida que tive, que considero muito rica, uma vez que vivi na Argentina, em França, nos EUA, no Brasil, deu-me uma grande riqueza de conhecimentos e vivências que contribuíram para a pessoa que sou hoje. Apenas recentemente fui à Polónia e, apesar de ter sido uma viagem um pouco traumática, permitiu-me perceber que algumas das minhas características pessoais são tipicamente polacas.

“ Em termos de amizades, de experiências, de amores e da minha família, não há ninguém mais rico do que eu ”

O que retira de cada um dos países por onde passou?

Eu sempre quis ser, em todos os locais por onde passei, um membro da comunidade. Eu sou um patriota da comunidade. O importante é a comunidade, lidar com as pessoas com que se convive e trabalha. Faço parte ativa das comunidades, não só profissionalmente, mas também social e civicamente, na promoção de variadas causas. Acho que isso me deu uma perspetiva muito ampla do mundo.

Vivendo em Portugal há tantos anos, quais as questões que mais o preocupam no nosso país?

Eu acho que Portugal tem a virtude dos seus defeitos ou o peso das suas qualidades, porque as duas características mais fortes em Portugal são a solidariedade e a honestidade. O povo português é honesto por natureza e existe muita solidariedade. Até digo que Portugal é o melhor país do mundo para ser pobre, porque dificilmente existe alguém completamente indigente, há sempre quem ajude, quem apoie. Em Portugal ninguém deixa o outro morrer de fome, o português arranja sempre uma forma de ajudar.

“ Com 83 anos continuo a trabalhar e gosto muito de o fazer ”

Considera-se um homem rico?

Em termos de amizades, de experiências, de amores e da minha família, não há ninguém mais rico do que eu.

Com 83 anos continua a trabalhar ativamente no Grupo André Jordan. Até quando quer continuar a trabalhar?

Os meus filhos têm a minha indicação para que, quando notem que eu esteja a ficar senil, me digam e eu vou-me embora [risos]. Recentemente fomos muito afetados pela crise e por dificuldades burocráticas. O facto de os nossos empreendimentos serem de grande proporção e de desenvolvimento urbano fez com que as Câmaras Municipais não estivessem preparadas para tal. Neste contexto, em que tivemos alguns problemas, que felizmente conseguimos superar, tenho ajudado o meu filho mais velho [atual CEO do Grupo André Jordan] a relançar o empreendimento. Em breve iremos ao Brasil com o objetivo de promover Portugal como um destino preferencial. Mantenho-me dedicado ao meu trabalho e gosto muito de o fazer.



Depois de ter tido uma vida tão preenchida, o que é que o faz mais feliz?

Sem dúvida que são os meus oito netos. Acompanhar a evolução deles é fantástico e é um orgulho ver que são bem-sucedidos na vida.

Qual é a principal mensagem que lhes transmite?

Nós conversamos muito, principalmente contigo-lhes histórias de vida e é através dessas histórias que lhes transmito valores. Mas também posso dizer que aprendo muito com eles, com os seus problemas e com a forma de verem o mundo.

O que é que ainda lhe falta fazer?

Neste momento tenho pensado um projeto semi-público para implementar em Lisboa, mas que ainda não posso revelar. No entanto,

em Portugal aparece sempre uma condição impeditiva e uma falta de planeamento que faz com que os projetos avancem lentamente.

Como gostaria de ser recordado daqui a 50 anos?

Tenho algumas dúvidas se serei recordado, porque vejo que as pessoas são rapidamente esquecidas. Tenho uma motivação, que me ultrapassa a mim próprio, que é o facto de querer provar ao Hitler que ele não nos conseguiu destruir e que a minha família, como tantas outras, continua a construir e a ajudar a criar um mundo melhor. Claro que quando fazemos obras destas sentimos que fazemos um bom trabalho, mas, pensando bem, isto é apenas um grão de areia. Por vezes brinco e digo que é pena não poder assistir ao meu próprio enterro, porque gostaria de ver o que as pessoas dizem.